Puericultura & Pediatria
Jornal Científico do IPPMG

Relato de Experiência

O que se vê em uma UTI pediátrica? Reflexões de uma profissional de saúde ao se tornar mãe acompanhante

Michele Ferreira da Silva[1] / ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0630-7436

[1]Fonoaudióloga do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG/UFRJ). Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)

Correspondência: michelefsilva@ippmg.ufrj.br

Por anos da minha vida profissional realizei atendimentos em ambientes de internação hospitalar pediátrica como fonoaudióloga. A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) era um destes espaços. Realizar procedimentos, interagir com pessoas, equipamentos e máquinas nesse ambiente fazia parte da rotina de trabalho. Era rotina a execução de ações, dentre elas: entrevistar a cuidadora ou cuidador; discutir o caso com a equipe dando retornos sobre condutas tomadas; e utilizar recursos e equipamentos para monitorar a estabilidade clínica do paciente durante os procedimentos.

No entanto, essa forma técnica de ver e interagir com o ambiente da UTI pediátrica, com seus equipamentos e pessoas que o ocupam, se tornou bem diferente quando necessitei passar pela minha primeira experiência de internação como mãe acompanhante. Quando pela primeira vez, assim como nos lembra Moreira[1], entraria na UTI não porque havia escolhido estar, mas porque precisaria estar. Pela primeira vez, como *um ser de fronteira*[1], cruzaria a linha tênue entre dois papéis: ser profissional e ser

mãe.

Era uma noite de sábado quando cheguei à emergência pediátrica com meu bebê de apenas 9 meses de idade. Ele estava prostrado, respirava com dificuldade e apresentava febre de 39°C. Meu desejo naquele momento era ver meu filho melhorar após receber o melhor atendimento possível para que enfim pudéssemos retornar a nossa casa. No entanto, após o atendimento inicial, logo soube que não retornaria com ele ao conforto e tranquilidade do nosso lar. Meu filho estava com bronquiolite e pneumonia e mesmo após horas de administração de medicação inalatória o desconforto respiratório não havia cessado. Para o seu bem seria preciso ficar e internar em uma UTI pediátrica.

Após receber a notícia, logo percebi que eu estava despreparada para o ficar. Tinha levado comigo apenas uma mochila com poucos itens de cuidado pessoal do bebê. Para mim, não havia nada além dos documentos e do celular. Naquele momento, meu marido estava cumprindo o seu papel de cuidado com o nosso outro filho de apenas 2 anos. Sem rede de apoio familiar próxima - geograficamente falando - não seria possível ter dele o suporte direto ou mesmo rendição, pois não tínhamos quem pudesse assumir o cuidado do maiorzinho. Assim, naquele momento, outras preocupações foram chegando à minha consciência. Como cuidaria do menorzinho sozinha em um ambiente diferente do nosso lar? Quanto tempo ficaria ali? Como deixaria de cuidar do mais velho, que abraçado a minha perna havia ouvido da mãe na saída ao hospital que ela logo estaria de volta?

Ainda na emergência fomos encaminhados para um setor de espera. Ali enquanto meu filho dormia em meus braços percebi que eu estava com fome. Na saída apressada ao hospital, infelizmente optei por não comer nada. E também estava com sede. Na mochila havia água para o meu bebê, mas não para mim. No entanto, despreparo, fome e sede logo ficariam em segundo plano na minha lista de preocupações, pois não demorou muito tempo para ver meu filho ser submetido a procedimentos desconfortáveis e dolorosos: a colocação de eletrodos, a medicação inalatória de hora em hora com um

espaçador grudado ao rosto, a coleta de sangue, a introdução de acesso venoso. Ao mesmo tempo que me angustiava ver meu bebê chorar sendo submetido a tantos procedimentos necessários, porém desconfortáveis, passei a me questionar como seria acolhê-lo nestas condições, agora que também fora colocado em dieta zero. Essa seria a primeira vez que ficaria privado do "mamar". Assim, como consolaria o seu choro justificado? Como o colocaria para dormir?

Ainda naquela noite chegamos à UTI. Lá estava frio e eu não tinha casaco para me aquecer. Mas o frio também ficou em segundo plano na minha crescente lista de preocupações. Pela primeira vez naquela noite percebi que estava em uma situação temerosa. Eu estava entrando em uma UTI pediátrica com o meu menino, muito doente. Memórias tristes vieram à tona. Lembranças de crianças queridas que um dia entraram em um espaço como aquele, que não melhoraram e se foram. Olhando para o meu filho tão pequeno naquele estado debilitado, preso a um leito de UTI, senti um forte aperto no peito. Senti medo de perder alguém que havia chegado a pouco tempo na minha vida, mas que havia se tornado infinitamente precioso para mim. Naquela chegada pensei o impensável - poderia não sair com meu filho vivo dali? Com um nó na garganta e uma grande sensação de impotência, segurando aquelas pequenas mãos, naquele momento lágrimas vieram ao meu rosto.

A primeira noite foi difícil: medicação inalatória de hora em hora, checagem de sinais vitais, administração de outros medicamentos com certa frequência, fisioterapia respiratória com aspiração das vias aéreas. A aspiração das vias aéreas - um desconforto tão grande, mas que tinha um grande valor diante da função de proporcionar conforto respiratório novamente. Ele também passou a receber oxigênio em fluxo contínuo através de um cateter nasal que desacoplava do nariz com facilidade. Passou a fazer parte da minha rotina levantar-me para fazer o ajuste do cateter no nariz, mesmo durante as madrugadas. O aviso sonoro do equipamento não permitia falhas da minha parte com essa

função. Dessa forma, dormir não era uma opção. Cochilos muito longos também não eram compatíveis com aquela rotina, nem da minha parte nem da parte do meu bebê. Eu estava cansada e sem dormir por noites seguidas fiquei exausta. Também me sentia sozinha, mas na verdade não queria ser rendida, não queria ir embora sozinha. Queria ficar e apesar do cansaço queria continuar cuidando do meu menino até poder levá-lo para casa comigo. As visitas do meu marido entre a saída do trabalho e a hora de buscar nosso filho mais velho na creche, se tornaram momentos de alívio para a solidão.

Foram sete dias e sete noites de internação. Para ficar bem novamente, meu filho precisou passar pelo desconforto de muitos procedimentos clínicos. Como fonoaudióloga, dediquei muito tempo e energia para estar preparada e assistir o meu paciente da melhor forma possível de modo que contribuísse com a decisão clínica de uma via de alimentação segura para ele ou ela. Sempre busquei atuar com responsabilidade, competência, lançando mão dos melhores recursos disponíveis para o bem estar do meu/ minha paciente. Ali com meu bebê, vi muitos profissionais assim dedicados, fazendo o seu dever para que meu filho melhorasse e pudesse ir o mais breve possível para casa. Graças a esses profissionais meu filho recebeu a tão sonhada alta hospitalar e a eles eu direciono a minha gratidão.

No entanto, é preciso agradecer aos profissionais que conseguiram ver ali, a mãe para além do papel de cuidadora acompanhante, conseguiram enxergar um ser humano, uma pessoa também com necessidades de cuidado. Agradeço a médica plantonista da emergência que diante da mãe preocupada e despreparada usou palavras cuidadosamente escolhidas no momento de dar a notícia do ficar; Agradeço a técnica de enfermagem que, diante da mãe com fome e sede, sem saber, lhe ofereceu um lanche e água; Agradeço a médica plantonista da UTI que acolheu meu medo e consolou o meu choro na admissão do setor; Agradeço a enfermeira que diante da mãe com frio se prontificou de própria iniciativa a providenciar mais cobertores; Mas acima de tudo, minha gratidão àqueles

profissionais que enxergaram a minha criança, o meu bebê para além do procedimento a ser realizado, para além das rotinas e protocolos rigidamente padronizados, para além de tabelas e checklists a serem preenchidos, para além da pressão de atendimento de uma UTI lotada.

Como profissional de saúde e mãe, meu desejo era ver profissionais seguindo rigorosamente os protocolos de segurança do paciente, mas também desejava ver atendimentos sem pressa. Desejava que aqueles seres humanos ao cumprirem o seu ofício também enxergassem o meu pequeno ser humano, a minha criança e o seu sofrimento perante a submissão compulsória a vivências tão difíceis. Meu desejo era ver ele sendo visto ali, a criança que mesmo naquele contexto estranho, aterrorizante e cheio de dor, também respondia ao carinho, ao lúdico e ao pedido de licença.

Tal experiência não só me convidou a ver a UTI pediátrica de uma forma diferente, mas me levou a refletir sobre crianças e suas mães acompanhantes que não ficam dias em um hospital, mas a vida inteira ou parte dela, com suas *vidas em suspenso*[2]. Crianças e mães com suas diferentes vidas e condições de saúde, diferentes contextos e lutas, que se perguntam diariamente quando poderão ir embora e não tem ao menos uma previsão[2,3]. Passada essa experiência como mãe acompanhante, a fonoaudióloga volta ao ambiente hospitalar, novamente por escolha, mas agora com novos olhares e novos desejos voltados a esse lugar de cuidado tão importante. Desejo às crianças e suas mães, que lá precisam ficar, que sejam vistas com suas histórias, necessidades e desejos, e que recebam o que eu recebi nesta experiência difícil, acesso a profissionais que atuem com compromisso, competência e responsabilidade técnica, mas também com sensibilidade, delicadeza e compaixão.

REFERÊNCIAS

1. Moreira MCN. Prefácio. In: Tanabe R. *Mosaico: vidas em reinvenção*. Rio de Janeiro: Texto Território; 2019.

2. Tanabe R. *Mosaico: vidas em reinvenção*. Rio de Janeiro: Texto Território; 2019.

3. Santos RA, Minayo MCS. *Crianças que não veem o sol*. São Paulo: Hucitec; 2023.

Submetido em: 29/10/2025
Aceito em: 05/03/2026